

Dez notas sobre as ruínas do Antropoceno:

uma busca por um solo comum entre diversos campos do saber

Salvador Schavelzon¹, Marina Guzzo², Teresa Maria Siewerdt³, Emanuel Fonseca Lima⁴, Fábio Tremonte⁵, Priscila Luz Gontijo Soares⁶,

¹ Antropólogo, professor e pesquisador na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), professor no Programa de Pós Graduação em Integração Latino-Americana (PROLAM-USP). Em 2020 ministrou a disciplina “Teoria antropológicas contemporâneas: cosmopolíticas de mundos vegetais e animais” no Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais (EACH-USP). ORCID: orcid.org/0000-0003-1029-8798. E-mail: schavelzon@unifesp.br.

² Artista e pesquisadora das artes do corpo, tem pós-doutorado pelo Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP e mestrado e doutorado em Psicologia Social pela PUC-SP. É Professora Adjunta da Unifesp no Campus Baixada Santista. ORCID: orcid.org/0000-0002-9978-4014. E-mail: marina.guzzo@unifesp.br.

³ Artista e pesquisadora. Bacharel em artes visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Mestre em poéticas visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Doutoranda em poéticas visuais pela Universidade de São Paulo, no departamento de Artes visuais, onde investiga práticas insurgentes e ressurgentes ligadas à (T)terra. ORCID: orcid.org/0000-0002-9945-842X. E-mail: teresasiewerdt@usp.br.

⁴ Especialista em Direito Ambiental pela PUC-SP. Mestre e Doutorando em Teoria Geral e Filosofia do Direito pela Universidade de São Paulo. Procurador do Estado de São Paulo. Integrante do Coletivo Ocareté. E-mail: emanuel@ocarete.org.br.

⁵ Artista e curador. Mestre e doutorando em artes visuais na Escola de Comunicações e Artes de Universidade de São Paulo. Mantém projetos de duração imprevistas e processos de criação de zonas comunitárias difusas. Em 2020, foi curador pedagógico da residência artística de Valongo Festival da Imagem (Santos, SP). Em 2021, é curador do programa Pedagogias infinitas de Aero-moto (Cidade do México). ORCID: orcid.org/0000-0002-9663-3261. E-mail: fabio.tremonte@usp.br.

⁶ Escritora, dramaturga e pesquisadora. Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/FFLCH-USP. Em 2016, publicou *Peixe cego*, romance finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2017. E em 2020 publicou *O som dos anéis de Saturno*, ambos pela editora 7Letras. ORCID: orcid.org/0000-0001-9435-0076. E-mail: priscilagontijo@usp.br.

Ana Jaimile da Cunha⁷, Igor Wassiljew Moia⁸, Lídia Ferreira de Sousa⁹ e
Anny Pagan¹⁰

Resumo: A partir do diálogo entre pesquisas e campos disciplinares diversos, esse texto apresenta dez notas, em forma de conversa, para pensar coletivamente e através de distintas formas de escrita, alternativas de mundos interespecíficos, ferres, não humanos, de plasticidade e resistência no Antropoceno reunindo perspectivas que discutem algumas teorias antropológicas e filosóficas contemporâneas com foco na cosmopolítica de mundos vegetais e animais. Modulações a respeito do conceito de Antropoceno, tais como Capitaloceno, Plantationceno ou *Chthuluceno*, permitem pensar quais são as implicações do humano ser o centro do Universo e como isso incide diretamente na vida do planeta. Como dar conta simultaneamente do problema da centralidade do humano, mostrando uma realidade pós humanista e interespecífica, e do problema do potencial destrutivo do ser humano, e o impacto do mesmo na vida na terra com consequências que não podem ser relevadas? Considerou-se o contexto atual, de uma crescente perda da biodiversidade, erosão dos solos e precarização das formas de vida e de imaginação. Diante disso, levantaram-se questões como o campo da antropologia, do direito, do turismo, da arte e da literatura de forma a responder algumas urgências do nosso tempo pandêmico e virtual.

Palavras-chave: Antropoceno. Mundos Interespecíficos. Cosmopolítica. Virada Ontológica.

7 Bacharel e Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Formação Técnica em Ensino e Aprendizagem Colaborativa pela Universidade de TAMK, Finlândia (2014). Especialista em Gestão Turística pela Universidad Pompeu Fabra em conjunto com a Escuela de Alta Dirección y Administración (EADA), Barcelona, Espanha (2006). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Desenvolve pesquisa sobre arranjos produtivos locais do turismo, economia criativa, negócios sociais e etnoturismo. E-mail: jaimilecunha@gmail.com.

8 Biólogo e pesquisador. Estudante de mestrado no programa de pós-graduação em Ciências Biológicas – Botânica, pelo Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. Atua na área de botânica, realiza trabalhos de florística e taxonomia da família Cactaceae e co-produção do conhecimento nas ciências ambientais, com enfoque em trabalhos realizados junto a povos originários e tradicionais. E-mail: igor.moia@usp.br.

9 Professora de matemática da rede municipal de ensino de Barueri. Também possui formação em Comunicação Social – Jornalismo. E-mail: lidia.sousa@gmail.com.

10 Artista, pesquisadora e estudante da Universidade Federal de São Paulo. ORCID: orcid.org/0000-0002-9447-7584. E-mail: annypagan60@gmail.com.

Ten Notes on the ruins of the Anthropocene: a search for a common ground between different fields of knowledge

Abstract: Based on the dialogue between individual studies and the results of different disciplinary fields of research, this text presents ten notes, in the form of a conversation to ponder collectively and through different forms of writing, alternatives of interspecific, feral, nonhuman worlds of plasticity and resistance in the Anthropocene. The paper brings together perspectives that discuss contemporary anthropological and philosophical theories with a focus on the cosmopolitics of plant and animal worlds. Modulations of the Anthropocene concept, such as Capitalocene, Plantationocene or Chthulucene, allow us to consider about the implications of humans deeming themselves the center of the Universe and how this affects the planet's life. How can we deal simultaneously with the problem of the centrality of humans from the perspective of a posthumanist and interspecific reality and the problem of the destructive potential of humans, and the ensuing impact on life on earth with immense consequences? The current context of a growing loss of biodiversity, soil erosion, and the precarious condition of life and imagination is considered. Implications for anthropology, law, tourism, art, and literature are discussed, which address some urgent needs of our pandemic and virtual time.

Keywords: Anthropocene. Interspecific Worlds. Cosmopolitics. Ontological Turn.

Introdução

Este artigo, de caráter experimental e interdisciplinar, é fruto do desejo coletivo de aproximar, entrelaçar, combinar e sintetizar diferentes processos de pesquisa que, embora partam de áreas do conhecimento distintas, se movem e se orientam pelo interesse comum por pensar possibilidades de convivência e relação com o mundo, com os seres e os objetos, desde uma perspectiva renovada, não hierárquica e antropocêntrica, tendo em vista o atual contexto de crise ecológica/política e social a nível global que alcançamos.

A vontade de unir nossas pesquisas, e de constituir uma espécie de coletividade temporária, surgiu no segundo semestre de 2020, quando após o término da disciplina “Teoria antropológicas contemporâneas: cosmológicas de mundos vegetais e animais”, na pós-graduação em estudos culturais da EACH da USP, nós – alunos e professor – nos sentimos instigados a dar continuidade aos estudos e debates que engendramos para além do espaço institucional através do qual nos havíamos reunido (ainda que de modo virtual).

Na disciplina, estudamos textos de diversos autores ligados ao movimento da “virada ontológica”, dos “estudos de extinção” e as chamadas virada vegetal e animal, com autores como Emmanuel Coccia, Bruno Latour, Eduardo Viveiros de Castro, Philippe Descola, Tim Ingold, Donna Haraway, Anna Tsing, Frédéric Keck, D. Bird Rose, J. Moore, entre outros. Tais estudos podem ser entendidos como uma resposta direta à crise da modernidade, uma crise que se expressa em termos de uma crise ecológica, intimamente ligada a noções como de Antropoceno, Capitaloceno, Plantatioceno ou *Chthuluceno*. Estes termos, embora guardem consideráveis distinções entre si, convergem em um pensar que tem como ponto de partida a constatação da dimensão do impacto (negativo, catastrófico) que as ações humanas exercem na Terra. Um aspecto que a virada ontológica e tentativas teóricas ou práticas e militantes de se situar nessa problemática é o reconhecimento da importância de diferentes ontologias, de *mundos* e não apenas de epistemologias ou *concepções* de mundo. No

deslocamento da política para uma cosmopolítica, encontramos complexidade com os modos de existência de povos originários, políticas outras que humanas, alianças com plantas, animais, minerais ou até aos mortos, como antídotos possíveis à perspectiva do naturalismo eurocêntrico ainda dominante.

A partir do diálogo entre pesquisas e campos disciplinares diversos, esse texto apresenta notas de autoria múltipla e singular, para pensar coletivamente e através de distintas formas de escrita, alternativas de mundos interespecíficos, ferres, não humanos, de plasticidade e resistência no Antropoceno reunindo perspectivas que discutem algumas teorias antropológicas e filosóficas contemporâneas com foco na cosmopolítica de mundos vegetais e animais, e no limiar de um pensamento que podemos pensar como pós-disciplinar. Cada nota lança adiante uma flecha, para entrelaçar o fio condutor do pensamento que nos uniu, numa composição tão diversa quanto uma floresta. A conversa foi transformada em método de escrita, também para ampliar alianças de escrita e pensamento, privilegiando outras formas epistêmicas. O artigo não apresenta conclusão, apenas lança para o futuro novas perguntas, a partir de cada conversa entre os autores, para continuar a construção de possibilidades imaginativas e investigativas.

Nota #1 – Aproximar da Terra, por Teresa Maria Siewerdt

Em busca de outros caminhos epistemológicos, capazes de me aproximar de certos conceitos da arte a partir de corpos, materiais e sensibilidades distintas das abordadas convencionalmente desde um viés europeu e antropocêntrico, comecei uma pesquisa de doutorado intitulada “Práticas insurgentes/ressurgentes ligadas à (T)terra”, na qual desenvolvi junto de minha prática como artista, uma investigação experimental sobre poéticas artísticas contemporâneas na América Latina, interessadas no cultivo, no uso, na ocupação e em um pensar com a (T)terra – compreendida na unidade planeta-solo.

Em um dos eixos desta pesquisa, me proponho não somente a investigar a prática de outros artistas, mas também em praticar, fortalecer e disseminar uma série de correlações multiespecíficas, articulando minhas proposições artísticas com a vida microscópica dos solos cultivados e a vida social, política, econômica e ambiental em contextos específicos. Para tanto, em fevereiro de 2021, desenvolvi um projeto artístico colaborativo que chamei de “Substrato”, realizado durante o período de uma residência artística que fiz no município de Três Forquilhas, no estado do Rio Grande do Sul, onde mais de 80% da economia se baseia na agricultura familiar.

Durante o período de um mês, investiguei as diferentes perspectivas e formas de engajamento com as plantas, assim como a correlação entre a vida dos solos cultivados e a vida de seus agricultores na região, e realizei conjuntamente, uma série de cromatografias de Pfeiffer: um método que possibilita uma leitura do solo através da interpretação dos desenhos, formas e cores que os componentes minerais, orgânicos, eletromagnéticos e energéticos (em interação) revelam em um papel quimicamente preparado. Fiz cerca de trinta cromatografias em solos de diferentes propriedades rurais, nas quais também coletei relatos textuais e registros fotográficos relacionados aos solos e seus agricultores, com a finalidade de compor uma apresentação deste conjunto de registros e ações reunidos em uma publicação.



Figura 1. Publicação resultante da obra *Substrato*, por Teresa Maria Siewerdt. Vídeo disponível em: teresasiewerdt.tumblr.com/post/652013827274293248/substrato-%C3%A9-resultado-de-uma-imers%C3%A3o-art%C3%ADstica. Acesso em: 27 jan. 2022.

Através do método da cromatografia de Pfeiffer, encontrei um meio de me aproximar da vida plural da terra, e por meio da escuta dos camponeses, uma forma de acessar histórias, saberes associados e experiências diversas sobre como estes vivem e concebem os vegetais e a terra com os quais habitam em seus roçados. Uma das grandes qualidades do método da cromatografia de Pfeiffer é que parte do princípio de que a qualidade da terra não pode ser medida pela quantidade isolada de componentes minerais, mas sim pela atividade e pela interação entre os diversos

componentes existentes em um determinado momento. Por esse motivo, quem usa esse método, compartilha da ideia de que o solo não é um lugar inerte, mas composto por uma diversidade de elementos químicos e microrganismos vivos, tais como bactérias, fungos e micróbios, que juntos constituem um tipo de comunidade multiespecífica em constante transformação e comunicação. Além disso, a cromatografia de Pfeiffer possui a vantagem de ser um método científico simples e acessível que permite que qualquer pessoa possa realizar suas próprias análises sem ter que recorrer ao serviço custoso de um laboratório. Esse método, embora tenha sido desenvolvido no começo do século XX por um grupo de cientistas ligados ao círculo do filósofo Rudolf Steiner, é ainda pouco conhecido no Brasil (e no mundo) mas atualmente, graças aos trabalhos de agrônomos como Sebastião Pinheiro e Oliver Blanco, a cromatografia de Pfeiffer tem sido difundida entre os movimentos camponeses, o MST (Movimento dos Sem Terra) e algumas cooperativas de agricultores pelo Brasil, num esforço de resgatar o que eles chamam de um “biopoder camponês”. Contudo, trata-se de uma batalha a ser travada com “gigantes”, tendo em vista a desproporção em termos de publicidade e apoio privado e governamental que as corporações ligadas a produção de fertilizantes químicos, sementes geneticamente modificadas e agrotóxicos possuem em comparação com as iniciativas em prol do desenvolvimento sustentável e autônomo. Quando olho para a estética adotada em muitas das campanhas publicitárias de empresas bilionárias do setor agrícola, preocupadas em reforçar e disseminar junto de seus produtos uma imagem de superioridade e de potência tecnológica defensiva, fica claro para mim o quão próximos estão hoje o mundo do agronegócio e as ciências de guerra. A terra, nesse caso, não é apenas um lugar, mas um recurso para explorar batalhas.



Figura 2. Propaganda do pesticida Mitrion, 2021. Disponível em: portalsyngenta.com.br. Acesso em: 30 jul. 2021.

Como alternativa à crise do chamado Antropoceno, ou dos mundos desfeitos pela lógica das *plantations*, proponho como artista e pesquisadora o desafio de fazer e de pensar-com-a (T)terra, isto é – um movimentar-se em direção a um conjunto heterogêneo de seres, coletividades e culturas, que todavia não perderam seu sentido de pertencimento com a (T)terra. Seres com os quais podemos aprender sobre fluxo vital, composição e mistura, fenômenos estes que podem ocorrer de múltiplas formas – através das folhas, das raízes, de filamentos, da hifas e membranas, ou por meio do estômago, da agricultura, da economia ou da arte.

Nota #2 – Estudar a Floresta, por Fábio Tremonte

O dia 14 de março de 2020 foi o último dia do mundo conhecido pré-pandemia no Brasil: um fim-do-mundo se anunciava, e o que não esperávamos é que duraria mais de um ano. Um outro mundo surgiu repentinamente: escolas fechadas, aulas presenciais suspensas, projetos cancelados, trabalhos extintos, viagens desmarcadas. De repente, nos encontrávamos dentro de casa, em tempo integral, descobrindo plataformas de vídeo-chamadas, fazendo supermercado por aplicativo ou telefone, higienizando as compras. Tomar sol tornou-se possível apenas no quintal ou perto da janela do apartamento, e fomos descobrindo e inventando novas maneiras de habitar a casa, em meio às inúmeras novas atividades: brincadeiras com as filhas após as aulas, reuniões online, reorganização do espaço, experimentação de novas receitas, readaptação orçamentária, entre outras muitas possibilidades. Foi preciso fazer uma necessária reinvenção do cotidiano, imaginar outros e possíveis mundos. Foi nesse contexto que a Escola da Floresta “entrou em greve”, ou seja, suspendeu suas atividades, sem data prevista para retomada.

A figura da floresta surge nesse contexto da Escola da Floresta por motivos variados. Interessa para a escola e para os processos artísticos-pedagógicos que daí advém, pensar as relações entre os diversos saberes, então a floresta surge como uma figura que representa uma diversidade de espécies humanas e não humanas que nela vivem, e também como uma representação de um sistema que se modifica pelo manejo, que não é um sistema estático, mas que está sempre vivo, sempre em movimento. Essa “socialidade mais que humana, incluindo a ação feroz” (TSING, 2019, p. 15), incluindo aqui práticas inter-, trans- e pós-disciplinares e colaborativas é que interessa para a construção e imaginação de outras formas de aprender e ensinar tanto para a Escola da Floresta [em greve] quanto para a escola-praça, a escola-tela, a escola-onça, entre outras.

Com a Escola da Floresta “em greve”. Outra perspectiva se anunciava, como seguir angariando pessoas para aprender juntos sem a possibilidade do encontro. A partir daí, o que chamo de “escola-tela”, passou a ser uma possibilidade. De maneira geral, as escolas buscaram entender esse momento e também como poderiam seguir com seus planejamentos à distância. A maior parte delas nunca havia experimentado ou cogitado a possibilidade de aulas remotas para suas alunas e alunos: a “escola-tela” foi portanto uma barreira a ser transposta, com seus novos espaços do aprender, novas maneiras de ensinar, novas possibilidades de compartilhar.

Considerando o momento atual, em que um vírus se espalhou pelo mundo e que nos vimos sem outra alternativa além de ficar em casa e/ou restringir nossa circulação, estamos percebendo como nossa relação com as coisas e as pessoas tem se transformado. As salas dos museus estão fechadas, as obras de artes estão guardadas e os programas educativos dissolvidos. É tempo de suspensão e incerteza. Não sabemos como e qual será o futuro, como será voltar para a escola, como será um museu pós-pandemia. Mas é também tempo de nos conectarmos com saberes não humanos e com outras imaginações. Como nos lembra Paul Preciado, em *Aprendendo com o vírus*:

É necessário passar de uma mudança forçada a uma mudança deliberada. Devemos nos reapropriar criticamente das técnicas de biopolítica e de seus dispositivos farmacopornográficos. Em primeiro lugar, é imperativo mudar a relação de nossos corpos com as máquinas de biovigilância e biocontrole: eles não são simples dispositivos de comunicação. Temos que aprender coletivamente a alterá-los. Mas também é preciso nos desalinarmos. Os Governos nos chamam ao confinamento e ao teletrabalho. Utilizemos o tempo e a força do confinamento para estudar as tradições de luta e resistência minoritárias que nos ajudaram a sobreviver até aqui. Desliguemos os celulares, desconectemos a internet. Façamos o grande blecaute perante os satélites que nos vigiam e imaginemos juntos a revolução que vem. (PRECIADO, 2020, p. 13-14)

Mesmo a Escola da Floresta sendo meu objeto de pesquisa no doutorado, segue em greve. Entretanto, as possibilidades de encontros seguem se desdobrando e possibilitando estar ainda assim fazendo juntos. Tenho mais dúvidas que certezas sobre as perspectivas futuras. As escolas já ensaiam suas reaberturas, mas o que faremos com essa experiência de ensinar e aprender à distância que adquirimos nesse período? Como voltaremos a aprender com o corpo, além da tela? Como fazer junto outra vez? Como reconstruir um mundo de possibilidades sem abandonar o que já sabemos e ainda descobrir o que não sabemos?

Para terminar, deixo o relato de um sonho que tive numa dessas noites pandêmicas. Nesse sonho, as escolas se tornavam praças, o espaço escolar se tornava um lugar de encontros para brincar, jogar, aprender com o corpo. No sonho, a arquitetura escolar se mesclava com a natureza, uma onça era a professora. No sonho, uma escola-onça clamava por outras formas de vida, de ser, de pensar e de se relacionar. A escola-onça nos convidava a estar na terra: ali no chão, que é capaz de abrigar um sem fim de relações interespecies, e que nos chama a olhar um mundo que não é apenas um único mundo, mas um mundo que é diverso, como a floresta.

Nota #3 – Dançar a ruína, por Marina Guzzo

Em contraposição à selva, vimos crescer no Brasil os desertos da monocultura. Sob a lógica da *plantation*, hoje, frente à pandemia de Covid-19, somos tentados a sonhar novas “florestas” para a vida insustentável das cidades brasileiras. A falta de espaços de contato com a natureza, parques, vegetação densa – e arte, fez e faz ainda a sensação de que a floresta está cada vez mais distante de nós – o impacto disso é uma percepção de deserto, de escassez (talvez o deserto tenha outro regime de abundância, onde a falta da água e de umidade promova outra forma de multiplicidade. Aqui o deserto é usado como metáfora de contraposição à floresta, à água, à riqueza de diversidade).

A *plantation* (MBEMBE, 2018; KILOMBA, 2019) instalada pelo processo colonial, que geram feridas e desigualdades territoriais e subjetivas, que precisam ser olhadas, reconhecidas e curadas por processos que levam tempo e agenciamentos diversos. A *plantation* traz com ela a gestão dos corpos racializados nela inseridos, espalha o deserto, a dor e o desamor. Da cana, do café, da soja, do pasto. O gado. Da destruição da biodiversidade, do espaço do exercício do poder punitivo e a gestão de alguns corpos nele inseridos – quem merece viver e quem podemos deixar morrer? A antifloresta (um mundo de desertificação e homogeneização da experiência sensível). “Os cereais domesticam os seres humanos. As monoculturas nos dão as subespécies chamadas de raças. O lar isola o amor intraespécies do amor interespecies” (TSING, 2015, p. 178).

Diante disso, na sala de uma casa na cidade, com o privilégio de poder fazer distanciamento social e evitar espaços de possível contaminação pelo vírus, me percebo espectadora de um filme trágico: milhares de mortos pela falta de políticas públicas eficazes na prevenção à pandemia, ao mesmo tempo em que assistimos o fogo queimando as florestas e o cerrado, reforçando tantas outras desgraças do cenário político e social. Sonho com florestas. Lembro do *Sonho* de Henri Rousseau, um dos meus quadros preferidos.



Figura 3. Henri Rousseau, O Sonho, 1910. Óleo sobre tela, 204, 5 x 298, 5 cm. **Fonte:** The Museum of Modern Art, Nova York.

“O sonho”, grande pintura a óleo sobre tela criada em 1910, é uma das mais de 25 pinturas que o artista fez com o tema da selva. “A mulher adormecida no sofá sonha que foi transportada para a floresta, ouvindo os sons do instrumento do feiticeiro”, essa é a inscrição do artista para o quadro, em carta de 1910 para André Dupont, quando explicava a presença do sofá no quadro (LIMA, 2019, p. 163). Rousseau explicava, assim, a inserção de um músico e uma mulher nua reclinada em uma selva iluminada pela lua, cheia de folhagens e vida selvagem – era um sonho. O sonho de uma floresta.

No entanto, Rousseau nunca tinha deixado a França. Pintava a floresta inspirado por suas visitas ao *Jardin des Plantes* de Paris, um jardim botânico e zoológico com grandes estufas e imagens de taxidermia. Era ali que ele sonhava com a selva, com uma floresta que não existia. “Conhecido como o Aduaneiro (*le Douanier*), por seu emprego na Aduana de Paris, Rousseau é um dos casos singulares da história da arte tido como iniciador da pintura *naïf*, ou ingênua, ao criar uma obra particularmente original e distante das convenções estéticas” (LIMA, 2019, p. 166).

Resolvi então, recriar esse quadro na minha sala. Inventariei todas as plantas que tinha no jardim, busquei algumas nas ruas, encontrei

outras no mato. Cada uma foi se posicionando frente a perspectiva, do quadro, do sonho e da minha própria sala. Uma ruína de plantas em plásticos. Uma Floresta *Fake* Colonial. Um desejo de ritual e de cura, ou de habitar essa encruzilhada que virou nossa própria casa/corpo. “Uma dança forma uma trajetória, um tipo de linha” (TSING, 2019, p. 28). Um jeito de começar a traçar e imaginar um futuro, pé ante pé, muda ante muda. Uma floresta organizada, harmonizada e idealizada. Uma floresta que passa pelo sonho colonial. Uma floresta em que o humano fica separado do mundo vivo. Uma espécie de clichê, sobre o que é “exótico”, o que representa o Brasil, ou uma ruína do Brasil.



Figura 4. *Frame da live performance Floresta* transmitida no canal da autora Marina Guzzo no YouTube no dia 18 ago. 2020. Ver também: youtube.com/watch?v=Nizak9eeBWo. Acesso em: 27 jan. 2022.

Nota #4 – Olhar (com) os outros, por Ana Jaimile da Cunha

Uma ruína exótica atravessou meu olhar por completo diante do imaginário que paira sobre as florestas brasileiras. Nem toda floresta é de altos e frondosos arbustos como se imagina, nem toda mata é úmida e de folhas largas e verdes como em alguns quadros já se pintaram. O verde da mata apresenta tons variados que vão do marrom da madeira esturricada ao carvão seco – reflexo das queimadas constantes do cerrado,

e ao tom mais escuro das madeiras que beiram os rios, aqueles que ainda não foram assoreados. Mas isso foi uma descoberta que me caiu aos olhos ao longo de oito anos habitando os cerrados do Tocantins. Entre o clima seco, as altas temperaturas e o céu límpido e azul, encontrei rios sem saber sobre eles, cachoeiras, sem saber sobre elas, e as muitas espécies que vivem neste ecossistema mostraram-se presentes ao longo da curiosidade e por outras vezes, por falta desta mesma curiosidade. Vencida pelo cansaço ao enfrentar o inóspito e o que só se mostra por muita insistência, acabei descobrindo tons de cores e texturas diferenciados no Tocantins, com vida, mesmo que não fosse do tipo esperado, e é neste contexto que se dá o meu relato.

Dentre estas experiências, o vivenciar da Aldeia Boto Velho se revelou vital na experiência Tocantins, que ensina prontamente a qualquer cidadão de cidade grande que um bioma de altas temperaturas tem riqueza inigualável e igualmente exigente às paisagens dos supostos arbustos imaginários frondosos mais conhecidos. E isto me remete à “metafísica das misturas”, em que Coccia (2018) nos (re)lembra o negligenciamento da filosofia sobre as plantas, o zoocentrismo da Biologia, e o que ficou relegado a estas espécies à margem do campo cognitivo, quando na verdade se tratou de uma insuficiência epistemológica “chauvinista animalista” e não abalou sua essência indiferente e soberana pelo mundo humano, pela cultura dos povos, pela alternância dos reinos e das épocas, já que elas são “a forma mais intensa, mais radical, mais paradigmática do estar-no-mundo” (COCCIA, 2018, p. 13).

E aí me vêm os caminhos das distâncias siderais que me fizeram chegar até o reino vegetal e animal que encontrei junto ao povo javaé na Aldeia Boto Velho, lugar dos diversos mundos unidos, vegetal e animal. Quando em busca de compreender aspectos relacionados ao mundo das viagens e dos viajantes que chegavam naquela comunidade, me deparei com visões e coerências outras que me flagraram os olhos e o olhar. Tudo começou através de um passeio que me chamou atenção por uns tais de não humanos, umas tais de “araras” e um calují, também conhecido como caldo, de macaúba. Eram duas únicas cidadãs desta chamada espécie “Ara ararauna” na aldeia, que não se desgrudavam, e sim brincavam, brigavam, comiam, dividiam e se amavam loucamente. Como seres imponentes que são, a união e a presença constante destas em um galho baixo de árvore, fazia parte da roda familiar da tia Creuza, a tia que reúne parentes e amigos em volta de seu caldo de doce sabor, feito da fruta macaúba, devidamente preparado sob pé frutífero de Jamelão.



Figura 5. Família da Tia Creuza reunida, visita à Aldeia Boto Velo em 2019, por Ana Jaimile da Cunha.

Persistir no encantamento sobre as araras me fez recorrer aos pensamentos mais clichês porém reais e presentes, fatídicos de nossa pátria-mãe nem sempre gentil, que carrega na simbologia destas lindas aves a beleza, a liberdade, a plenitude de um Brasil “exótico” por suas florestas verdes e vôos de pássaros gigantes, coloridos e por vezes, escondidos.

Aquelas divertidas aves durante um curto período de tempo me chamaram intensamente a atenção, mais que isso, me mobilizaram pela parceria, desenvoltura, amor e rebeldia que traziam aos meus olhos. Contexto este que reflete a “miríade de espécies da terra que se confundem e se confundem [...] entre os encontros contemporâneos com outras criaturas, principalmente, mas nem somente os domésticos” (HARAWAY, 2007, p. 5), e que me acolheu nos mais diversos pensamentos sobre o que eu não tinha ideia nas trilhas daquele lugar.

Neste mesmo rumo, outras reflexões incorporaram os pensamentos que me vinham à tona, em termos de buscar pensar o mundo que tive diante de mim, e que Haraway (2007) nos traz com suavidade por seu encontro com muitos outros seres que habitam o planeta terra, estivessem eles

no laboratório, campo, zoológico, parque, escritório, prisão, oceano, estádio, celeiro ou fábrica, como seres comuns como nós, também são ao mesmo tempo, figuras criadoras de significado que reúnem aqueles que respondem a eles em tipos imprevisíveis de “nós”. (HARAWAY, 2008, p. 5)

A miríade das espécies da terra de Haraway (2008), que se confundiram e nos confundiram, parece nos definir como seres humanos contemporâneos que também são capazes de perceber a sua interação com outras espécies, deparando-se com a ideia e reafirmação plena de que os humanos estão longe de ser o foco do mundo, justamente por que tão somente não cultivam o seu lar, sua casa, sua espécie e sobrevivência. Só nos resta pensar que, além de nós, há outras lógicas que, em suas formas, se adequam a este vasto campo de contingências humanas.

Nota #5 – Cruzar reinos, por Lídia Ferreira de Sousa

Em meados da década de 1970, questões como esta que eram debatidas apenas pela ciência, passaram a ser estudadas em universidades e foram debatidas no mundo todo, era o início de uma consciência ambiental com olhar sensível para outras formas de vida não menos importantes para a manutenção e equilíbrio da vida no planeta Terra.

Stefano Mancuso em sua obra *Revolução das plantas: um modelo para o futuro* (2019), afirmou que as plantas são organismos autótrofos inteligentes, mesmo sem possuir um cérebro e que usam seu corpo todo para desenvolver sua inteligência e também que possuem memória e são capazes de aprender e por isso, adaptam-se melhor aos estímulos ambientais, que fazem análises sofisticadas e que perante efeitos catastróficos não perdem sua funcionalidade, além de serem sensíveis e produzirem o oxigênio que permite aos seres vivos respirar e fixar o gás carbônico que os animais produzem. Além disso possuem alta resistência. Um exemplo que mostra resistência das plantas é a Ginkgo biloba, que sobreviveu às bombas atômicas jogadas em Hiroshima no Japão em 1945, durante a Segunda Guerra Mundial.

Infelizmente não há harmonia entre o reino vegetal e animal, principalmente no tocante ao ser humano como um dos componentes do reino animal, que possui cérebro e racionalidade e ainda assim promove no planeta, competição e guerra. É possível notar o desequilíbrio do ser humano com sua própria espécie através da leitura de *The eye of the crocodile* de Van Plumwood (2012), que narra o encontro da autora com um crocodilo em fevereiro de 1985 no vale do Kakadu – olho a olho com o animal:

Esta foi uma sensação forte, no momento de ser agarrada por aquelas poderosas mandíbulas, que havia algo profundamente e incrivelmente errado no que estava acontecendo, algum tipo de identidade equivocada. Minha descrença não era apenas existencial, mas ética – isso não estava acontecendo, não poderia estar acontecendo. O mundo não era assim! A criatura estava quebrando as regras, estava totalmente enganada, totalmente errada, pensar que eu poderia ser reduzida a comida. Como ser humano, eu era muito mais do que comida. Era uma negação, um insulto a tudo o que eu era para me reduzir a comida. Eram todas as outras facetas do meu ser que devem ser sacrificadas a esse uso totalmente indiscriminado, minha complexa organização seria destruída para que eu pudesse ser remontada como parte desse outro ser? Com indignação e descrença, rejeitei esse evento. Foi uma ilusão! Não era apenas injusto, mas irreal! Não poderia estar acontecendo. (PLUMWOOD, 2012, p. 12)

Apesar de Plumwood (2012) ser sensível à causa dos animais, no momento em que sofreu o ataque do crocodilo, sentiu que o bicho estava infringindo as leis da natureza, pois a estava reduzindo a comida, apesar dela ser formada por complexas organizações físicas, mentais e espirituais. Nesse momento, percebe-se que o ser humano, no geral, não admite ser uma presa, não admite nutrir outra espécie com seu próprio corpo e se transformar na vida de outro ser.



Figura 6. Árvore de Ginkgo biloba. **Fonte:** Disponível em: razoesparaacreditar.com/arvore-belas-obras-primas-natureza. Acesso em: 15 ago. 2020.

Nota #6 – Equilibrar sistemas, por Igor Wassiljew Moia

Atualmente, o principal sistema de produção de alimentos utilizado pela maior parte da humanidade é também o mais devastador que já tivemos: a monocultura, também denominada de *plantation*. Desde que este sistema foi implementado em larga escala, as florestas e campos nativos começaram a ser derrubados com maior afinco e com maior velocidade para dar lugar a grandes plantações de uma pequena diversidade de plantas com grande interesse econômico.

Embora se diga que seja um sistema altamente produtivo, acredito que os maiores frutos da monocultura são, na verdade, contradição e extermínio. A contradição é evidente quando nos deparamos com notícias como as divulgadas em 2020, quando foram obtidas safras recordes de produtos agrícolas para exportação no Brasil, enquanto, ao mesmo tempo, a fome e os preços dos alimentos aumentavam no país (CONAB, 2021; FREITAS, 2020). O extermínio, por sua vez, se mostra no uso generalizado de agrotóxicos nas lavouras, promovendo o assassinato de uma infinidade de seres não humanos nas plantações e matas que as cercam, no desmatamento desenfreado de áreas florestais, e também nos conflitos envolvendo latifundiários e povos originários, onde seres humanos são assassinados defendendo seus territórios (MONDARDO, 2019).

O destino da maior parte desta produção agrícola de monocultura, como a soja, é a produção de ração para alimentar animais, principalmente para a produção de carne. O aumento do consumo de carne pela humanidade nos séculos XX e XXI são grandes responsáveis pela expansão das monoculturas. O aumento deste consumo também é responsável por taxas alarmantes de desmatamento no mundo. Todo ano, elevam-se em 27.600 km² as áreas convertidas em pasto. Cerca de 70% de toda a área desmatada da Amazônia foi destinada à pastagens de gado (MARQUES, 2019, p. 497-504).

Retomando as monoculturas, é importante falar sobre o uso de agrotóxicos. Essas substâncias cujo objetivo é maximizar a produção agrícola, são um atentado à vida. Ao passo que possibilitam safras gigantescas, são responsáveis pela morte de inúmeras outras formas de vida (CARSON, 2010). O genocídio causado pelo agro-negócio-tóxico fica explícito na forma em que os latifundiários realizam ataques químicos, pulverizando com os mesmos aviões que envenenam as plantações, os indígenas que vivem a poucos metros delas, intoxicando adultos, idosos e crianças (MONDARDO, 2019). O envenenamento das águas por agrotóxicos também representa uma ameaça à integridade física destas pessoas, uma vez que rios, poços e até mesmo as águas das chuvas apresentam contaminação (MOREIRA, 2012).

Essas questões deixam explícita a incapacidade do capital de conviver com outros seres, sejam eles humanos ou não humanos. Se não se adequarem à forma de se produzir, são sistematicamente eliminados. Se atrapalham a produção agrícola das grandes plantações, são envenenados, assassinados.

Uma das formas de equilibrarmos a interação entre plantas, animais e os outros seres vivos que dividem esta terra conosco, é o de coproduzirmos o mundo junto deles. A forma que produzimos alimentos deve ser radicalmente alterada. A agricultura realizada por pequenos produtores familiares, por povos indígenas e tradicionais me parece um caminho coerente para esta realização. Existem diferentes formas de se produzir alimento através de sistemas agroflorestais, cada uma adaptada aos diferentes seres vivos que as compõem, desde as plantas, as aves, os insetos, os fungos e demais decompositores, bem como adaptadas aos ecossistemas locais em que estão sendo criadas.

Não existe e nem é possível existir apenas um modelo de sistema agroflorestal. Cada um é único, à medida que cada local e cada ser que a compõem são únicos também. Sistemas agroflorestais funcionam, de modo geral, como ecossistemas. Animais, plantas e outros organismos – incluindo nós, humanos – interagem entre si dentro destes sistemas. São o oposto da monocultura, das *plantations*, em que a diferença é sempre eliminada. Nas agroflorestas, a diversidade é promovida e alimenta o sistema. A interação entre os seres se torna, assim, o mais próximo de equilibrada que podemos chegar.

Nota #7 – Novas formas de narrar, por Priscila Luz Gontijo Soares

Para aceitar a multiplicidade do mundo há que se conviver com tecnologias avançadas, com espécies companheiras e criar as condições necessárias para coexistir com humanos e não humanos em sua heterogeneidade. Mas como coexistir com verdades contraditórias e polêmicas? Como incentivar outras potências de viver? Como estabelecer uma aliança entre heterogêneos no coletivo? Acredito que uma das formas de nos relacionarmos passa pela narrativa de ficção.

Alguns conceitos de Anna Tsing parecem ecoar das profundezas do bosque, clamando por modos alternativos de uma nova escrita, na qual habitar um devir-com seja não só possível, mas almejado. Essa nova forma de ficcionalizar solicita uma comunicação transespecífica, feita de encontros imprevisíveis, a partir da floresta de cogumelos Matsutake. Ao descobrir iguarias nascidas das ruínas, poderemos, quem sabe, expandir com os limites do narrar.

Em seus livros, Tsing abandona a etnografia e se aproxima do texto literário em uma perspectiva dialógica. Em *The Mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*, por exemplo, Tsing (2015) mostra que o trabalho com fungos é capaz de atravessar os limites entre ciências naturais e estudos culturais e revelar um conhecimento não apenas crítico, mas criador de mundos.

O que está em jogo é construir narrativas mais densas sobre os fenômenos com os quais nos deparamos. E para isso não apenas são necessárias outras formas de ver o mundo, como também ter a capacidade de escutá-lo, de pressenti-lo, de aguardá-lo e de compreender que não há apenas um mundo, mas variações dele, em planos distintos. É necessário deslocar as bordas indisciplinadas para o centro das coisas.

Em *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*, Anna Tsing menciona que a “virada acadêmica’ para a multiplicidade se destaca com os múltiplos aparatos de conhecimento atuando simultaneamente” (TSING, 2019, p. 142). Uma de suas intervenções metodológicas foi fundamentar pesquisa e análise em uma paisagem, pois “uma paisagem pode existir em qualquer escala, mas sempre envolve uma diversidade de fragmentos. [...] Pensar com paisagens abre a análise para uma multiplicidade entrelaçada” (ibid., p. 149). Esses métodos se reúnem para possibilitar o conceito de “assemblage”. Assembleia é uma ferramenta para investigar “como variadas espécies em um agregado de espécies influenciam umas às outras. [...] e nos mostram histórias potenciais em formação” (ibid., p. 150).

O termo, usado como conjunto de coordenações através da diferença, ganha de Tsing o aditivo “polifônico” e assim, pode apontar para uma nova dimensão da escrita narrativa. Escrita essa em que a percepção aprecia os múltiplos ritmos temporais e trajetórias do agenciamento, ao contrário do ritmo do progresso.

Esses ritmos têm sua relação com as colheitas humanas; se adicionarmos outras relações, por exemplo, a de polinizadores ou outras plantas, os ritmos se multiplicam. A assembleia polifônica é a reunião desses ritmos, resultam de projetos de criação de mundos, humanos e não humanos (ibid., p. 152).

Nesse sentido, a proposta de uma *escrita Matsutake* ou de uma *multiespécie* narrativa não tem unidade e nem é passiva. Ela obedece a uma via não cronológica e sua presença espacial é indefinida, dispersa, sua indeterminação faz parte da história. Colher a palavra como um apanhador de cogumelos, a recompensa sendo o grau mínimo: uma multiplicidade

de cheiros vertiginosos nascidos entre bons parceiros: plantas, animais e fungos. Nessa nova forma de narrar no contemporâneo, o verdadeiro ato criativo se revela nessa zona de histórias conturbadas e contaminações ferozes, essas “zonas serpentinosas”, para usar um termo de Haraway. Nessa proposta de criação de uma narrativa especulativa interessa investigar vazamentos, ranhuras, rachaduras, aquilo que escapa, as indeterminações, oposições contínuas sem sínteses, aquilo que não é visível, explicável, fixo, porque não é mais possível acreditar em lugares estáveis ou falar de parentesco no capitalismo.

Nesse laboratório cósmico de misturas, de comunicações, de trocas e de coexistência de mundos, nada se separa, mas abre-se a ideia de perspectiva de mundos mais que humanos, afinal, como aquela “piada séria” feita pelo companheiro de Haraway: não é humano, mas húmus.

Nota #8 – A necessidade de alianças, por Anny Pagan

No momento atual, somos testemunhas de uma verdadeira catástrofe ambiental e social a nível global: erosão dos solos, extinção em massa, pandemias, precarização das condições de vida, acidificação dos oceanos, incêndios, entre outras tragédias. Este cenário, indissociável da doutrina econômica neoliberal, cuja racionalidade, ou normativa, como expôs Yasmin Afshar no prólogo da obra *A sociedade Ingovernável*, de Grégoire Chamayou, que opera através de uma “generalização da concorrência nos âmbitos da sociabilidade, linguagem, ordenamento do Estado e subjetividade” (CHAMAYOU, 2020, p. 11), parece inevitavelmente colaborar para alterações como as antes mencionadas, devastadoras para a habitabilidade de inúmeras espécies que coabitam nosso planeta.

Nesta conjuntura, nos defrontamos também com um acréscimo na curva da desigualdade social e na lógica da competição de mercado. Enquanto a classe média alta e os ricos, uma parcela mínima da população, gozam de um status privilegiado, a maioria da população mundial, trabalha exaustivamente, e cada vez de forma mais precarizada, endividando-se para manter as condições básicas para sua subsistência. Vemos então, toda uma classe social identificada, dentro de uma lógica estratificadora, como seres de segunda categoria, desprovidos de competências individuais para alcançar o sucesso financeiro (FREIRE, 1989; GUARESCHI, 2005). Contudo, nos últimos anos podemos perceber que este sistema econômico da livre competição, sustentado por uma classe arrogante e cada vez mais isolada em si mesma, é insustentável para a maioria das formas de vida e para os ecossistemas.

Visto isso, é prioritário que nos rebelamos contra o modelo de sociedade e economia hegemônica, e trabalhemos por outras alternativas, desalinhadas com a Escola Keynesiana, ou a de Chicago com seus pensadores neoliberais. Como então encontrar saídas? Uma ou mais variáveis que apontem para alternativas de existência no mundo, não mais pautadas pelo extrativismo, pelo consumo, o lucro, a competição ou pela separação entre a humanidade e a natureza? Creio que não precisamos ir muito longe, possibilidades e alternativas seguem vivas, resistindo próximas de nós. Elas estão nas florestas, nas bordas e periferias do capitalismo. Numa tentativa de imaginar um futuro diferente, mais colaborativo e fértil de alianças interespecíficas, encontrei nas cosmologias (dos povos originários do Brasil) possibilidades de resistência para construir futuros reconciliadores.

Muitos dos povos indígenas no Brasil, como destaca Pierre Clastres em *Sociedade contra o Estado* (1972), não reproduziram o modelo de Estado-nação ao longo do tempo, e não por falta de desenvolvimento ou de tecnologias, como muitos pensam, mas por serem avessos à ideia de um poder centralizador, mesmo antes da chegada dos europeus. Suas cosmologias estão na contramão do pensamento antropocêntrico e capitalista, concebendo a existência de múltiplos mundos e a afinidade entre seres humanos, plantas, rios, montanhas e outros seres (KRENAK, 2020, p. 42). No livro *A queda do céu* (2015), Davi Kopenawa discorre sobre a cultura ancestral de seu povo, fala da floresta como uma entidade viva, explica a origem mítica e a dinâmica invisível do mundo, mas além disso, descreve sua visão sobre a civilização ocidental e sua previsão de “um futuro funesto para o planeta” (KOPENAWA, 2015, p. 12).

Acredito que as perspectivas e narrativas dos povos originários, que nos chegam através de pensadores como Krenak e Kopenawa e muitos outros aqui não citados, podem auxiliar no enfrentamento dos problemas ambientais e sociais do presente. Mediante negociações circunstanciais, trocas, pactos e alianças, ou na instauração de uma “república das coisas” (LATOURETTE, 2004, p. 111), onde seja possível encontrar pontos de interseção entre cosmologias distintas, brechas para a co-criação de um mundo diferente, menos individualista, competitivo, intolerante, consumista e desigual, pois se não formarmos alianças, a crise atual que estamos enfrentando poderá se transformar em muito pouco tempo numa catástrofe irreversível.

Nota #9 – Questionar o antropocentrismo, por Emanuel Fonseca Lima

Nos bancos das faculdades de Direito e no dia a dia da prática forense toma-se uma forma de expressão jurídica Ocidental como sendo a única possível. Nela o ser humano é considerado a medida de todas as coisas e é em sua função que se atribui valor à natureza (GUDYNAS, 2015).

O meio ambiente é considerado um direito humano, sendo protegido, essencialmente, porque assegura a qualidade de vida da espécie humana. A “Declaração de Estocolmo sobre o meio ambiente humano”, por exemplo, reconhece o direito ao “desfrute de condições de vidas adequadas em um ambiente de qualidade tal que lhe permita levar uma vida digna e gozar de bem estar”, assim como os deveres de preservar o meio ambiente e recursos naturais para as gerações atuais e futuras (ONU, 1972). As leis dos variados países, em maior ou menor grau, seguem essa mesma tônica.

Plantas, animais e demais seres vivos são considerados coisas e, nessa condição, não possuem dignidade nem direitos, atributos exclusivos das pessoas. Nessa concepção dominante, quando as leis proíbem maus tratos aos animais ou protegem espécies vegetais, não o fazem porque reconhecem que eles possuem algum direito, mas para proteger os “bons sentimentos” dos seres humanos (REALE, 2002).

As propostas que questionam o antropocentrismo possuem um profundo impacto na forma como se concebe a regulação jurídica. Elas permitem reconhecer um valor intrínseco na natureza e seus elementos, o que, dentre outras consequências, fomenta debates sobre a possibilidade de se considerá-los não mais como coisas, mas sujeitos de direitos e detentores de dignidade (GUDYNAS, 2015).

Há exemplos de iniciativas nesse sentido, como a Constituição Equatoriana que, fortemente influenciada pela sensibilidade de mundo dos povos originários, reconhece a *Pachamama* como pessoa dotada de direitos, independentemente daqueles que são atribuídos aos seres humanos (como o de viver em um ambiente sadio).

É possível também mencionar decisões judiciais recentes, como a Sentença T-622-16 da Corte Constitucional da Colômbia que reconheceu o Rio Atrato como sujeito de direitos, o que implica em sua proteção, manutenção, conservação e restauração. Para tanto, foi invocada uma concepção de bioculturalidade, aqui entendida como uma relação de unidade entre a natureza e a espécie humana (REPUBLICA DE COLOMBIA, 2016).

Essas iniciativas são incipientes e provocam controvérsias, mas isso não afasta sua importância. Um mundo de alianças interespecíficas, em que se reconhece que o ser humano não pode viver isolado, exige a reconfiguração de estruturas profundamente afetadas pelo paradigma antropocêntrico, como é o caso do Direito.

Nota #10 – Como construir uma fuga, uma resistência, por Salvador Schavelzon

Tentando dar conta da floresta que temos aqui, entre performances, leituras, instalações, observação etnográfica, projetos de arte, discussões conceituais, sensibilidades. A discussão que propõe a oposição entre floresta e *plantation* me parece um dos eixos com que podemos estruturar algo entre todos. Como fazer agrofloresta etnográfica, mobilizando todos os significantes trazidos neste exercício. A multiplicidade nos exige sair de um pensamento de distinções e divisores rígidos... precisamos pensar um trabalho pós-disciplinar, já que o que aqui fazemos é um exercício de rediscutir limites, atravessar fronteiras, ir além das delimitações modernistas que adequaram a experiência no mundo a esferas, e campos marcados pela separação do ser humano com o meio em que está, a política da economia, a cultura da política, assim como o mundo capitalista moderno separou o trabalho da festa e o que é de todos da propriedade privada. Há muitos caminhos para pensar um pensamento pós-disciplinar, como propõe Emanuele Coccia (2018) a partir da sua metafísica da mistura, ou como podemos entender a “Floresta dos símbolos” de Victor Turner (2005), antropólogo de rituais africanos que nos seus últimos livros tentou pensar uma ciência interdisciplinar da performance vinculando antropologia de artes cênicas e narrativas, ou como Gregory Bateson e tantos outros pensamentos que para ser deveram desfazer demarcações.

Como fazer ressoar numa mesma chave, a da crítica ao antropocentrismo, da busca de uma abertura para diferenças e uma sensibilidade etnográfica, poética ou artística que tem a ver com elementos de resistência que aparecem em cada trabalho contra essa faxina ontológica, que Mauro Almeida (2013) criticou, na apresentação do espírito Caipora das comunidades seringueiras do Acre. Contra a faxina de tudo que não é domesticado pela ordem do capital, da colonialidade, da modernidade sempre algo escapa. As plantas rebeldes, os cachorros da Patagônia, a Creuza, como possibilitadora de um mundo ao redor dela. Planta mãe numa guerra de mundos. Sempre algo escapa, às vezes palavras, às vezes sálvia, às vezes algo para nós desconhecido mas que numa busca cosmopolítica

não podemos nos apressar em eliminar. É o pensamento do Estado, da standardização e mercantilização do mundo que as diferenças são limadas, são invisibilizadas ou destruídas em nome de avançar e descartar o que não é útil. Em nome dos grandes consensos nacionais, da pacificação ou captura do que não pode ser assimilado.

Como construir uma fuga ou uma resistência contra o empobrecimento do mundo? Como as palavras podem se tornar atos e criar mundos, para além da linguagem? Podemos pensar em desertos ou florestas verbais, literárias com aderência com o mundo real, criando ecossistemas? Podemos colocar um desafio de pensar uma literatura ou poesia não humana? Afinal, é sempre esse mundo rico de diferenças significativas que a literatura buscou.

Outro eixo que percorremos neste artigo -e nas discussões prévias- é o que indaga sobre o nosso lugar. Lugar de sujeito que descreve, que escreve, que observa, que fica anulado para que outros seres apareçam ou que compõem de forma multiespecífica. A chamada antropologia pós-moderna, do *writing culture*, levou já o problema da representação para a antropologia. Era um problema que partia do enquadramento da antropologia como texto, e não como disciplina científica ou ciência social. Antes e depois dessas discussões a antropologia foi e voltou da sua vocação científica, engajada, crítica, de peregrino ou de exploração de sensibilidades dispersas não enquadradas nas hegemonias dominantes.

A partir das leituras sobre a crise do Antropoceno, do sujeito revolucionário, da ciência, e de toda verdade - e do poder - acredito que o problema do sujeito aparece de outra forma. Não só como Eu que escreve, que constrói uma etnografia ou um relato literário. Temos, nos trabalhos e pesquisas que aqui dialogam, o problema do sujeito enquanto ser que se relaciona com o mundo e com mundos animais, vegetais, de símbolos e palavras ou até de sentimentos. Em parte é o mesmo problema da escrita etnográfica que a Antropologia pós-moderna levantou, a busca de um lugar que não seja o da autoridade de quem descreve ou encontra um mundo de diferenças. Mas hoje o problema volta a ser do mundo. Apenas como problema que não é apenas nosso, humano, epistemológico ou do Eu que escreve e pensa, trata-se do pluriverso de um mundo cosmopolítico onde não estamos sós.

Referências

- ALMEIDA, Mauro. Caipora e outros conflitos ontológicos. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v.5, n.1, jan.-jun., p. 7-28, 2013.
- CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.
- CHAMAYOU, Grégoire. *A sociedade ingovernável*. São Paulo: Ubu, 2020.
- CLASTRES, Pierre. *Crônica dos índios Guayaki: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai*. São Paulo: Editora 32. [1972] 1995.
- _____. *A Sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify. [1974] 2004a.
- _____. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify. [1980] 2004b.
- COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- CONAB (COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO). Acompanhamento da safra brasileira - Safra 2020/2021: Graos. Oitavo levantamento. Brasília, maio 2021. Disponível: bioagronegocios.com.br/wp-content/uploads/2021/05/E-book_BoletimZdeZSafrazZ-Z8oZlevantamento.pdf. Acesso em: dez. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FREITAS, M. C. S.; PENA, P. G. L. Fome e pandemia de COVID-19 no Brasil. *Têssituras*, v. 8, s. 1, jan.-jun. 2020.
- GOLDMAN, Marcio. Lévi-Strauss e os sentidos da História. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 42, n. 1-2, p. 223-238, 1999.
- GUARESCHI, Pedrinho Arcides. *Psicologia social como prática de libertação*, 3 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- GUDYNAS, Eduardo. *Derechos de la naturaleza: ética biocéntrica y políticas ambientales*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- HARAWAY, Donna J. *When species meet*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2007.
- _____. *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Durham, NC: Duke University Press, 2016.
- _____. “Ficar com o problema: gerar parentesco no Chthuluceno”, a ser publicado pela n-1 edições em tradução de Ana Luiza Braga. Entrevista concedida a Helen Torres. Tradução: Ana Luiza Braga, Caroline Betemps, Cristina Ribas, Damián Cabrera e Guilherme Altmayer. Revisão: Ana Luiza Braga. Disponível em: n-redicoes.org/137. Acesso em: 27 nov. 2020.

_____. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuleceno: fazendo parentes. Tradução: Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom Cultura Científica*, , ano 3, n. 5, abril, p. 139-146, 2016. Disponível em: edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/o/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em: 6 dez. 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1994.

LIMA, Andrei Fernando Ferreira. Iconografia musical na obra de Henri Rousseau. *ARS* (São Paulo), vol. 17, n.º 37, p. 163-181, 2019. Disponível em: doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2019.154437. Acesso em: 23 set. 2020.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. Tradução: Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. Campinas: Editora Unicamp, 2019.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

_____. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MOREIRA, J.C. *et al.* Contaminação de águas superficiais e de chuva por agrotóxicos em uma região do estado do Mato Grosso. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1557-1568, 2012.

MONDARDO, Marcos. O governo bio/necropolítico do agronegócio e os impactos dos agrotóxicos sobre os territórios de vida Guarani e Kaiowá. *Ambientes: Revista de Geografia e Ecologia Política*, Francisco Beltrão, v. 1, n. 2, p. 155-187, 2019

ONU. Declaração de Estocolmo sobre o Ambiente Humano. Estocolmo, 1972. Disponível em: direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html. Acesso em: 01 jun. 2021.

PLUMWOOD, Val. *The eye of the crocodile*, Lorraine Shannon (ed.). Canberra: ANU E Press, 2012. Disponível: press-files.anu.edu.au/downloads/press/p208511/pdf/book.pdf. Access: Jan. 2022.

PRECIADO, Paul. *Aprendendo do vírus*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

REALE, Miguel. *Lições preliminares de Direito*. 27ª ed. ajustada ao novo Código Civil. São Paulo: Saraiva, 2002.

REPÚBLICA DE COLOMBIA – CORTE CONSTITUCIONAL.
Sentencia T - 622/16. Disponível em: corteconstitucional.gov.co/relatoria/2016/t-622-16.htm. Acesso em: 29 nov. 2020.

ROUSSEAU, Henri. *The dream*, Pintura a óleo. Versão digital disponível em: moma.org/collection/works/79277?sov_referrer=artist&artist_id=5056&page=1,1910. Acesso em: 23 set. 2020.

TSING, Anna L. *The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2015.

_____. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: Mil folhas do IEB, 2019.

TURNER, Victor. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto e Arno Vogel. Niterói: EdUFF, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Prefácio. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.